

CARLOS PACHECO

AGOSTINHO NETO

O PERFIL DE UM DITADOR

A História do MPLA
em Carne Viva

© NOVA VEGA, 1.^a EDIÇÃO
LISBOA, JULHO DE 2016

SOBRE O LIVRO

O autor é sobejamente conhecido pela sua obra historiográfica, pois neste últimos anos tem vindo a debruçar-se sobre vários períodos da história angolana. Salientem-se os títulos: *MPLA, um Nascimento Polémico. As Falsificações da História* (1997), *Repensar Angola* (2000) e *Angola, Um Gigante com Pés de Barro e outras reflexões sobre a África e o mundo* (2010), todos publicados sob a chancela Vega. Mas com o presente livro o autor pretende ir mais longe.

Escorado numa aturada investigação realizada na Torre do Tombo que durou muitos anos, Carlos Pacheco solta um grito de denúncia sobre aquilo que ele considera ser a conduta autocrática de Agostinho Neto no seio do movimento que lutou pela libertação de Angola, o MPLA, bem como a prática persecutória levada a efeito pelo falecido líder angolano contra alguns dos seus rivais. Tal circunstância conduziu a alguns acontecimentos sangrentos, ainda no período da luta armada, como sejam, por exemplo, o caso Costa Sozinho, ou as execuções de Lourenço António Casimiro, de Matias Miguéis e José Miguel, entre muitos casos perturbadores descritos no livro. Já no período após a independência, o autor não deixa de fazer referência ao trágico “27 de Maio”, que se saldou pela morte de Nito Alves e de muitos outros militantes.

No livro referem-se também casos de corrupção, de indisciplina e de dissidência, bem como inúmeros casos de comportamento hostil de chefes guerrilheiros para com as populações que viviam nas suas aldeias nas matas, os quais se traduziram pela morte de elementos civis, roubos das suas produções agrícolas, rapto e violação de mulheres. Neste âmbito, é bastante inquietante o relatório da autoria de um chefe militar do MPLA, Ciel da Conceição, sobre a morte de três civis.

Mas muitas outras situações são abordadas. É o caso do exílio forçado na China do antigo dirigente do MPLA, Viriato da Cruz, país onde veio a falecer. As suas últimas anotações, muito pouco tempo escritas antes da sua morte, estão transcritas no livro. É também analisado o caso, provavelmente pouco

conhecido, acerca dos contactos que o dirigente “Iko” Carreira chegou a manter com elementos representantes das autoridades portuguesas, no sentido de levar a cabo uma hipotética fuga e abandonar o MPLA.

Carlos Pacheco, exímio na arte da metáfora, socorre-se de centenas de referências bibliográficas e cita centenas de autores para pontuar as suas análises e melhor esclarecer e sustentar as suas conclusões sobre os diversos temas tratados, alguns deles bastante delicados, e que naturalmente expõem o autor a possíveis discordâncias e até mesmo a eventuais controvérsias.

Para o autor, os inúmeros acontecimentos relatados ainda ensombram o país africano, referindo que «(...) que na actualidade Angola ainda é perseguida pelo espectro desse passado atroz e para muita gente as suas terríveis lições ainda não foram percebidas, devido justamente ao facto de o nome de Agostinho Neto para muitos angolanos permanecer sacrossanto.» E mais adianta Carlos Pacheco: «Não se pense que os cultores do seu mito são os únicos a negar a violência revolucionária destrutiva desse tempo. Por um medo contagioso alimentado por liturgias idolátricas, bastantes *filhos do país* recusam-se a reconhecer no regime de Neto o protótipo de uma tragédia submersa no terror e em crimes medonhos cometidos à sombra de uma estratégia oficial.»

Destacamos alguns excertos do livro:

Sobre Agostinho Neto:

«No MPLA encabeçado por Neto, como o atestam inúmeras versões, os militantes viviam marcados pelo ferrete da intimidação e perseguidos pela obsessão de serem castigados física e psicologicamente e não gozarem do direito a defender-se. Tornar-se desafecto e recusar servir a bandeira de Neto significava, em geral, assinar a sua própria sentença de morte.»

«A Neto pouco se lhe dava a competência ou o merecimento pessoal dos seus validos, salvo se estas qualidades se confundissem com a obediência servil e com a lealdade irreflexiva à sua pessoa. Temperalmente avesso ao diálogo e denotando um total desprezo pelas estruturas do Movimento, bem como pela opinião dos seus pares, a sua agenda era só uma: domesticar a organização à sua vontade pessoal.»

Sobre Agostinho Neto e as dissidências do MPLA:

«Neto por certo tinha uma clara percepção deste cataclismo político e do peso político que emanava das dissidências internas, em particular da brecha dissidente de Chipenda. Faltava—lhe, no entanto, o talento e a tolerância necessária para reconhecer o lodaçal de dificuldades em que se atolava o MPLA e que se deviam, em grande parte, à sua soberba, aos seus próprios erros.»

Sobre Agostinho Neto e o fuzilamento de Matias Miguéis e José Miguel:

«Ainda hoje se pretende matizar os danos causados por Neto com a explicação de que se ele quisesse se teria podido evitar o fuzilamento. Como é possível sustentar tal ideia, se a decisão de liquidar Matias e José Miguel saiu dos subterrâneos do MPLA e foi da inteira responsabilidade de Neto?»

Sobre a violência exercida sobre civis por parte da guerrilha:

«Depois de coagirem os agricultores a abandonar os seus *kimbos* e a fixarem—se na mata, os rebeldes exigiam o cultivo dos campos e um complemento de outras actividades para que nada lhes faltasse; às mulheres exigia—se a confecção de alimentos e uma permanente disponibilidade para os satisfazer sexualmente...»

«As agressões a civis foram tão numerosas ao longo dos tempos que a massa do povo por vezes, em resposta, deixou de crer nos actos virtuosos dos patriotas e pegou em armas para se proteger das violências continuadas dos seus pretensos libertadores.»

Sobre os jornalistas e o MPLA:

«Pois então é pertinente perguntar como foi que esta cega matança e repressão do MPLA escapou totalmente aos olhos dessa elite de jornalistas estrangeiros e de todo um grupo de personalidades bem pensantes na Europa, nos Estados Unidos e na América Latina?»

Extracto do subcapítulo «A “clarividência mágica” de Neto: o cesarismo da sua liderança»:

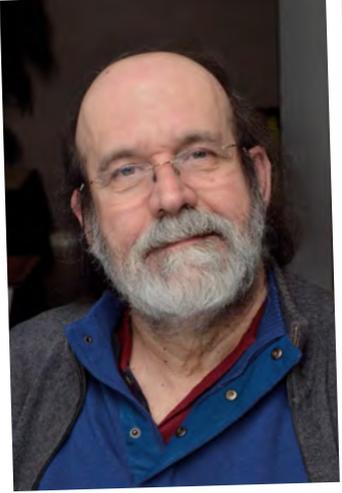
A lei, em síntese, era o que o presidente decretava. Não eram necessários programas, nem estatutos nem projectos que garantissem linhas de rumo e de mudança. Ele era “o fim e o começo”, todos lhe obedeciam como “peões de xadrez num tabuleiro pré-organizado”. Os altos dirigentes na totalidade, escreveu “lko” Carreira, «agiam conforme ele queria, sem se preocuparem com os resultados ou com os motivos de tal decisão, tal o nível de confiança que pareciam ter nele». Acicatados, portanto, pelo medo e «recolhidos dentro do seu pensamento como cágados na carapaça», eles acreditavam em Neto de olhos fechados e jamais ousavam discordar do seu poder monolítico e ditatorial; o gesto podia custar caro ao atrevido. Daí que cada um preferisse imitar Helicon, personagem de Albert Camus no *Calígula*, que afirmava enfático: «sou demasiado inteligente para isso». Quer dizer, ninguém se aventurava fora do redil de pensamento imposto pelo líder máximo. [...]

Da mesma maneira que ninguém tinha uma opinião própria sobre o que quer que fosse, pois todos eram lacaios do pensamento do Chefe, este, convicto do seu saber e determinação, pensava por todas as cabeças. Ninguém ousava duvidar da infabilidade do seu senhor. Neto era o “homem especial”, o cérebro, o líder carismático, dotado de qualidades superiores, quase deíficas, que o faziam absoluto sobre a plebe dos servidores. [...] Ele sentia-se igual ao personagem do contista e dramaturgo russo Daniil Kharms que se presumia o crisol de «todos os dons para poder considerar-se um grande homem». Ele sentia-se um ser à parte, nada se podia dizer dele excepto louvá-lo, a exemplo de Estaline diante do qual os camaradas do Partido e do Estado se prostravam e lhe lambiam as mãos. Servis, os militantes intimidavam-se perante a plenitude desta presença e, em geral, entretinham-se a imitar o Chefe. Repetiam as suas palavras, os seus pensamentos e acreditavam em tudo quanto dizia, o que fazia da liderança hipercentralizada de Neto algo de indiscutível e Único, justamente porque o Único simboliza a “presença absoluta”.

Extracto do subcapítulo «O corpo da mulher e as estratégias de desmoralização»:

Não se pode entender a complexidade da luta armada contra o colonialismo português se não se incluir no bojo da sua história todos os actores, beligerantes e não-beligerantes. Os lavradores nativos, como parte desse processo, formam iniludivelmente a parcela mais brutalizada da população em geral a quem se pretendeu privar da sua identidade, em particular as mulheres, sujeitas uma e outra vez aos actos sexualmente mais condenáveis. [...]

Não houve bons nem maus nos mares encapelados da guerra. Houve, sim, verdugos e opressores dos dois lados. Ou dos quatro, se se quiser. Todos, de resto, «enfermos de cólera num país transbordante de cólera», na belíssima expressão de Juan José Millás, escritor e jornalista espanhol. Houve inegavelmente alguns heróis, em contraste com isto, porém, houve também muitos vilões que se conduziram da forma mais infame. Todos os bandos cometeram um sem-fim de crueldades, milhares de mulheres foram violadas ou mortas; o assalto aos seus corpos espelha uma das faces mais horrendas do conflito bélico. No fundo tratou-se de uma guerra dentro da guerra, a sexta do MPLA, que teve por alvo civis desarmados e a disputa do corpo da mulher como um troféu de conquista. Neste processo de desumanização, as mulheres procuraram lutar, como já se viu, pela sua sobrevivência e o recurso por elas abraçado, na maior parte das vezes, foi fugir, fugir sempre que podiam levando consigo o “medo como um verme escondido nas suas vísceras”.



© Franklin Neto

CARLOS PACHECO nasceu em Luanda em 1945 e estudou História na Universidade de Lourenço Marques, Moçambique, e na Universidade de São Paulo, Brasil.

A sua obra historiográfica distingue-se por ser polifacetada. Abarca temas que cobrem períodos distintos da História de Angola: de um lado a 1.^a metade do século XIX com estudos sobre a dinâmica das sociedades euro-africanas do litoral angolense e, do outro, o período da luta armada em Angola, incluindo o processo pós-colonial. Nesta linha tão diversificada de assuntos, publicou vários trabalhos que têm por objecto a história de famílias tradicionais angolanas de matriz napolitana. A este acervo juntam-se três volumes consagrados ao poeta José da Silva Maia Ferreira (1827–1867) e um ensaio sobre leituras e bibliotecas no marco da cronologia oitocentista. São de destacar ainda no conjunto da sua obra os seguintes títulos em livro: *MPLA. Um Nascimento Polémico. As Falsificações da História* (1997), *Repensar Angola* (2000) e *Angola, Um Gigante Com Pés de Barro e Outras Reflexões Sobre a África e o Mundo* (2010). Relativamente aos actuais e complexos problemas socio-políticos e económicos da Humanidade, escreveu “O Espelho do Abismo”, texto presente na colectânea *O Estado do Mundo* publicado em 2006 sob os auspícios da Fundação Calouste Gulbenkian. Coordenou, por outro lado, o livro *Humberto Delgado, As Eleições de 1958* (1998) e nele se insere um trabalho da sua autoria, “Angola: a Descrença dos Africanos nos Candidatos da Oposição” (cap. VII). Em 2003 coordenou a versão portuguesa da obra de Klaas Ratelband, historiador holandês, intitulada *Os Holandeses no Brasil e na Costa Africana: Angola, Kongo e São Tomé* (1600–1650), assinando o prefácio, a biografia e as anotações adicionais ao texto. Prefaciou de igual modo o testemunho-novela de Sum Marky, *Crónica de Uma Guerra Inventada* (1999), e o livro de José Milhazes, *Angola, O Princípio do Fim da União Soviética* (2009). Publicou inúmeras crónicas em jornais portugueses e angolanos e uns quantos artigos em periódicos do Rio de Janeiro e São Paulo.

Tem-se dedicado a proferir palestras e conferências, sobretudo em Universidades portuguesas e brasileiras, sendo os destinatários alunos de pós-graduação a cursar estudos comparados de Literaturas de Língua Portuguesa e História Contemporânea. É luso-angolano e divide o seu tempo familiar e de pesquisa entre Portugal e o Brasil.

Sumário Geral das Matérias

Volume I

Dedicatória.....	11
Pensamentos.....	13
Acrónimos.....	15
Agradecimentos.....	23
Considerações Preliminares, por Carlos Pacheco.....	29
 NAS ENTRANHAS DA LUTA ARMADA.....	 63
I — Rivalidades Anunciadoras de Tempestades.....	65
1 — Rotina, burocratismo e corrupção: “Movimento de Reajustamento” Neto enfraquecido. Vendaval de conspirações.....	67 71
Situação militar esfrangalhada em Cabinda.....	76
Estagnação no MPLA: a realidade camuflada da guerra.....	89
A mentira como arma para captar apoios internacionais.....	94
O triunfo da prepotência.....	99
2 — Labirinto de espelhos: “Iko” Carreira e a PIDE.....	102
Locais de encontro. Desabafos de “Iko”.....	108
A polícia prepara as condições de deserção.....	116
Dilema de outros comandantes.....	119
3 — Ira e sadismo dos “deuses”: o caso Costa Sozinho.....	125
Tentativa de fuga do universo concentracionário do MPLA.....	131
Última evasão para escapar à morte.....	140
Mais horrores e execuções: o caso Lourenço António Casimiro.....	143
Outras narrativas macabras.....	156
Castigos nas frentes de combate.....	158

II — “Destruição Sustentável”: Assassínio de Ex-Dirigentes do Comité Director	163
1 — Sequestro e fuzilamento de Matias Miguéis e José Miguel.....	165
Crónica de uma morte anunciada	169
Responsabilidades descartadas nos subordinados.....	174
Massacre de Dolisie: a vingança de Neto	176
A estética do mal.....	178
“Iko” Carreira, a arte da dissimulação	191
Métodos sangrentos: como os entender	200
A dinâmica do crime em nome do povo e da salvação nacional...	208
A “clarividência mágica” de Neto: o cesarismo da sua liderança..	212
A banalidade da violência.....	222
Pacto de silêncio	225
Capitulação a Neto: cumplicidade em actos imorais.....	228
Movimento de massas e irracionalismo político.....	233
Convivência do governo da RPC	241
III — MPLA e Confrontações Geopolíticas nos Países Vizinhos.....	245
1 — O capricho de Neto em monopolizar a insurgência angolana	247
Críticas a Moïse Tshombe.....	249
Savimbi, uma pedra no sapato do MPLA	260
Abertura de novas frentes: rumo à Zâmbia	271
A preocupação de Neto com o avanço da UNITA	278
As turbulências políticas no regime de Kenneth Kaunda	281
IV — No Vórtice de Um Grande Conflito Étnico	289
1 — Sobados do Barotse na Zâmbia revoltados com a organização de Agostinho Neto.....	291
Confrontos bélicos do MPLA com os lozi	294
Conluio com o grupo étnico luvale contra os lunda.....	300
Tentativa de rearticulação estratégica: Daniel Chipenda visita o Mwantiyavwa.....	305
MPLA alvo também da má vontade do velho chefe Kanongesha ...	311
Mais sobas se queixam dos abusos dos soldados irregulares	315
V — A 1. ^a Região no Olho do Furacão.....	323
1 — Brazzaville, capital dos <i>complots</i> : cenário intrincado para a guerrilha	325
As toupeiras da polícia secreta portuguesa.....	334

O papel dos Comitês de Acção Clandestinos nas cidades.....	342
Limbo militar do MPLA	348
Da exaltação do fantástico à dura realidade: a supremacia do abismo	357
VI — A Quinta e Sexta Guerras do MPLA	377
1 — Guerra contra as comunidades rurais.....	379
A estética da violência contra as populações levada às últimas consequências	391
O “renascimento” de um herói assassino	407
Estratégia do MPLA, igual à da anaconda.....	411
“Apertar o povo e fazê-lo trabalhar nas lavras”	416
Prontuário criminal de muitos combatentes.....	420
Trabalho forçado imposto às populações.....	429
Sistema organizado de capturas e violação de mulheres do campo	436
A dialéctica do sexo: opressão sobre as mulheres	443
Coitocentrismo e ideologia da violência.....	449
O “poder da obscuridade”	454
O corpo da mulher e as estratégias de desmoralização	465
Desrespeito pelas tradições: morte de curandeiros tradicionais.....	471
A raiz da impunidade dentro da hegemonia conservadora	479
VII — “O Amor à Pátria com Vendas nos Olhos”	499
1 — As escolas e as pessoas civis como territórios de guerra	501
Crianças e adolescentes utilizados como escravos e mão-de-obra barata	502
A supressão da identidade pessoal	514
A existência de meninos militarizados	517
Abusos sexuais de meninas e rapazes.....	521
MPLA: um ladrão de almas.....	529
VIII — Usurpação da Realidade	537
1 — O que os jornalistas e estudiosos não quiseram ver.....	539
A estética corrompida da militância	541
O exemplo de Basil Davidson	550
Uma guerra sem testemunhas	555
Outro exemplo: Tommy Chibaye.....	556
A genealogia do horror: bandoleirismo em vez de guerrilha	562
O relativismo cultural da <i>intelligentsia</i> estrangeira.....	571
A dupla moral de um certo jornalismo.....	575

IX — Obsessão de Mandar	577
1 — Era crepuscular: perigo de pulverização do MPLA.....	579
O ponto zero da crise.....	583
A dança macabra da fome e a ganância dos comandantes	585
Adensam-se as sombras sobre o futuro da guerrilha.....	591
Choque de dragões (FNLA-MPLA) sem solução à vista	593
Direcção do MPLA refugiada numa caverna de cristal.....	600
A guerra “triumfal” de Neto no meio do caos.....	612
Desordem e recuo combativo na generalidade das zonas da 3.ª Região.....	622
Estrangulamento militar na 4.ª e 5.ª Regiões.....	642
A iconografia da apoteose a “Kima Kienda”	644
As frentes de luta sem munições.....	647
2 — Falta de chefias organizadas, eficientes e disciplinadas.....	664
A indisciplina e a incúria das lideranças castrenses.....	668
Ausência de solidariedade e companheirismo	678
O impacto da guerra aerómovel	698
3 — O detonador do grande conflito interno	727
A blindagem da fala: o silêncio como ideologia	732
Esperanças despedaçadas: II Movimento de Reajustamento da Frente Leste.....	742
Círculo negro de terror: mais prisões e fuzilamentos	752
A sinistra cabala do assassinio contra Neto: falsificação do discurso político.....	762
Neto, o eterno manipulador.....	777
4 — Chipendofobia: a rebelião dos catetenses.....	782
“Iko” Carreira: a <i>alma mater</i> da pseudo-conjura.....	784
Ruptura etnopolítica: tribalismo contra a hegemonia da 5.ª Região	789
A guerra dentro da guerra: o MPLA em escombros. Novo cisma interno.....	796
A falácia do controlo sobre vastas áreas de Angola.....	801
Desponta uma nova linha interna: mais fracturas	814
Imobilismo militar inquietante	818
Um novo feudo armado: unificação da facção Chipenda com a FNLA	835

Volume II

X — Neto Disperso no seu Labirinto	861
1 — Iminência de golpe.....	863
<i>A via crucis</i> de Neto.....	865
Adeptos da frente unida com a FNLA engendram um golpe.....	868
2 — Desprezo pelos vassallos.....	884
O caso “Kakige”	885
Nos antípodas do chefe sábio, sensato.....	888
Atentado contra a vida de Azancot de Menezes.....	892
Impostura palaciana: tratamento injusto cominado a José Ferreira	896
Humilhação a Mário de Andrade: tentativa de assassinato.....	934
XI — Nas Sarjetas da Corrupção e da Mentira.....	937
1 — As trapaças dos comandos	939
Tráfico de armas com a PIDE/DGS e outras negociatas.....	947
No reino da dupla moral.....	957
A institucionalização da ilegalidade.....	958
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	967
I — No Reino da Desilusão e do Medo.....	969
1 — “O pássaro de doce encanto”	971
O ídolo de plumas deslumbrantes	979
O espectáculo degradante da independência: a pátria fuzilada.....	982
Uma estrada apocalíptica.....	995
Projecto autoritário e centralista: processo de desconstrução.....	999
Fractura entre a sociedade e os grupos armados.....	1001
Desprezo pela pequena burguesia patriótica.....	1005
II — Mediocridade Intelectual.....	1009
1 — A hostilidade aos livros	1011
Discurso autoritário. Inveja dos intelectuais.....	1015
As tenazes da censura. Derrota da liberdade intelectual.....	1017
O lado vil da “civilização carcerária”: expurgo de livros e proibição	
de ler	1019
Bibliocausto no MPLA.....	1024
O pensamento e a inteligência na mira das armas.....	1027

EVOcando VIRIATO DA CRUZ	1031
1 — Perseguido no MPLA e na China de Mao Zedong.....	1033
Últimas anotações de Viriato	1039
CRONOLOGIA RESUMIDA — <i>Convulsões no MPLA e outros cenários</i>	1041
Execuções, prisões, sequestros, motins, agitações étnicas e tribais, corrupção, roubos, deserções, listas negras, rapto de populações e de sacerdotes, saque de aldeias, massacres e subversão no interior de outros grupos políticos	1043
INFERNO DE ATROCIDADES: A CRÓNICA DE UMA CHACINA	1149
1 — Relatório de Ciel da Conceição Cristovão (“Gato”), Outubro de 1968	1151
REGIÕES MILITARES DO MPLA	1157
Sede no exterior.....	1157
Instalações em Brazzaville.....	1159
Instalações-sede	1159
Tipografia	1159
Escritórios, bases, dispensários, campos de treino militar e de refugiados no Congo-Léopoldville.....	1160
Província de Léopoldville	1160
Província do Congo Central.....	1160
Província de Kwango (Bandundu).....	1160
Província do Baixo Congo	1161
Residências no Congo-Léopoldville (antes de o MPLA ser expulso em Novembro de 1963).....	1162
Residências em Kinshasa e Sangololo (depois de 1963).....	1162
Comités Revolucionários Clandestinos (CRC) na República Democrática do Congo (1966-1973)	1163
Na província de Léopoldville	1163
Na província do Congo Central	1163
Na província do Baixo Congo	1164
Zona Militar Norte	1165
Frente Interna (continuação da Frente Norte).....	1187
Casas de abrigo de combatentes que viajavam para a fronteira....	1198
2. ^a Região — Integrava o distrito de Cabinda.....	1199

Serviço de propaganda em M'Pila.....	1205
Bases, campos e depósitos de apoio na República Popular do Congo — Centro de Informação.....	1206
Província de Niari.....	1206
Província de Pool.....	1218
Província ou zona litoral de Kouilou (região de Point-Noire).....	1219
Escritório em Point-Noire.....	1222
Depósitos Complementares de Armamento.....	1223
República Democrática do Congo.....	1224
Centro Cultural e Internato.....	1224
Centro de Informação.....	1224
Oficina tipográfica: impressão de panfletos.....	1225
Rotas de infiltração em Cabinda.....	1225
Actividades dos Comités Revolucionários Clandestinos.....	1226
Província do Congo Central.....	1226
Baixo Zaire (ou província do Baixo-Congo).....	1231
Rotas de Desinfiltração.....	1233
Esconderijos de armas em território da República do Zaire.....	1233
Esconderijos de armas em território da República Popular do Congo.....	1234
Zona Militar Leste.....	1235
Bolanges: concentração de povos que abasteciam os acampamentos guerrilheiros.....	1292
Comités de Acção Clandestina.....	1293
Vias de ligação de Brazzaville com a Zâmbia.....	1294
Ligações de Pointe-Noire com a Frente Leste.....	1294
Rotas de conexão inter-regionais.....	1294
Rotas de reabastecimento logístico, reforço de tropas e descanso de guerrilheiros.....	1295
3. ^a Região.....	1295
5. ^a Região.....	1297
NOTA ESPECIAL: Eixos de penetração no Leste de Angola através da República Democrática do Congo (de acordo com uma proposta de 1963.....	1298
Esquadrões nas Sub-Regiões Militares da 3. ^a Região.....	1298
Sub-Região Norte (zonas A, B e E).....	1298
Sub-Região Sul (zonas C, D e F).....	1300

Esquadrões da 4. ^a Região.....	1307
Esquadrões da 5. ^a Região.....	1307
Escritório, residências e depósitos de material de guerra	1307
Lusaca.....	1307
Balovale.....	1308
Campos do MPLA Próximos de Lusaca (Zâmbia).....	1308
Bases, Acampamentos e Centros Operacionais na Zâmbia	1309
Província Norte-Occidental (distrito de Kabompo), a Leste do Rio Cuando	1309
Distrito de Zambezi (designado até 20 de Dezembro de 1969 como distrito de Balovale).....	1317
Província do Noroeste — Distrito de Mwinilunga (a população de etnia <i>lozi</i> não apoiava o MPLA, excepto os <i>luvale</i>)	1323
Província Norte-Occidental — distrito do Zambezi.....	1330
Província Occidental — distrito de Kalabo.....	1336
Província Oriental — Barotseland.....	1347
Distrito de Balovale, região Occidental (antigo sub-distrito do Barotseland)	1348
Província Copperbelt	1349
Hospital zambiano de assistência aos feridos e doentes do MPLA ...	1349
Província de Kalabo	1349
Campos de recrutamento na Zâmbia.....	1350
Província de Lusaca	1350
Locais de sequestro de jovens regressados das minas da África do Sul.....	1350
Zâmbia	1350
Angola.....	1350
Estação de repouso em Isake Mangole, Zâmbia.....	1351
Província Central	1351
Bases conjuntas do MPLA e da SWAPO.....	1351
Acampamentos de observação: a meio caminho das bases do MPLA e da SWAPO.....	1353
Campos zambianos de formação e trânsito de insurgentes, assim como de refugiados políticos angolanos e de outras facções nacionalistas.....	1353
Delegação, representação diplomática, residências e estrutura logística na Tanzânia.....	1355

Dar-es-Salam	1355
Mbeya.....	1356
Estruturas de transporte rodoviário na Tanzânia e na Zâmbia.....	1356
Campos de refugiados na Zâmbia.....	1357
A sul de Solwezi.....	1357
Rotas de infiltração na Frente Leste.....	1357
Rotas de Dar-es-Salaam (Porto de desembarque de material de guerra proveniente do exterior) até às bases próximas e recuadas na Zâmbia	1365
Rotas de Dar-es-Salaam até Angola (sem passagem por Lusaca)...	1366
Rádios e publicações.....	1366
Composição dos destacamentos nas bases.....	1367
Nota final de esclarecimento. Mudança forçada de acampamentos	1368
Estruturas de apoio no exterior (campos de treino militar em vários países de África).....	1369
Marrocos.....	1369
Argélia	1371
Ghana.....	1372
Tanzânia.....	1373
República Popular do Congo.....	1375
Academias, campos de treino militar e escolas de ensino superior na URSS, RDA, Polónia, Bulgária, Hungria, Cuba, Vietname, República Popular da China e Coreia do Norte	1376
União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).....	1376
República Democrática Alemã (RDA)	1377
República Popular da Checoslováquia.....	1378
República Popular da Polónia.....	1378
República Popular da Bulgária	1378
República Popular da Roménia	1379
República Popular da Hungria	1380
Cuba	1380
República Democrática do Vietname do Norte.....	1381
República Popular da China	1381
República Democrática Popular da Coreia.....	1382
Relações MPLA/URSS.....	1382
Auxílio ao grupo armado angolano.....	1382

Fontes e Bibliografia 1383

 1 — Fontes primárias 1383

 2 — Fontes secundárias 1393

Ilustrações 1463

 Índice das Ilustrações 1471